

## Recensões

### *Missio Dei*

**Recensão do livro *A missão como obra de Deus*  
: introdução à teologia da missão,  
de Georg Friedrich Vicedom.**

**Trad. de Ilson Kayser e Vilmar Schneider (apêndice).  
(São Leopoldo : Sinodal/IEPG, 1996. 127 p.)**

Publicar um livro como *Missio Dei* no Brasil, quase 40 anos após a sua edição original na Alemanha (Munique, 1958), exige uma explicação. Vicedom provavelmente é um grande desconhecido das igrejas cristãs brasileiras. Sabe-se, todavia, que existem alguns pastores da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) que foram seus ouvintes e até alunos. Além disso, suas idéias influenciaram a prática comunitária e até mesmo a opção pelos povos indígenas no Brasil. Baseados na teologia que o livro em apreço revela, podemos nos perguntar por que não frutificou muito mais. Nesta recensão, são apresentados alguns aspectos da biografia e teologia do autor que o tornarão mais conhecido de leitores e leitoras brasileiros. É bom lembrar que sua abordagem da missão figura como relevante em compêndios de missiologia<sup>1</sup>. Este já seria um bom motivo para traduzir parte de sua obra ao português. Destacamos abaixo algumas razões que nos pareceram importantes na obra de Vicedom. Antes, porém, vejamos alguns dados da biografia do autor.

### **Vicedom, missionário e teólogo da missão**

Georg Friedrich Vicedom (1903-1974) foi um missiólogo peculiar. Nasceu na Baviera, Alemanha, numa região rural desde séculos ligada à Igreja Evangélica Luterana. Filho de camponeses, trabalhou até os 19 anos na roça com sua família. Quem o conheceu mais de perto pode testemunhar como era visível na sua maneira de ser essa origem popular e trabalhadora, curtida pela vida rude e aberta às experiências do povo da terra, de poucas palavras e sem cerimônias, às vezes jovial e com algum humor, todavia profundamente piedosa e ética. Estas marcas também transpareciam quando Vicedom viajava pelo mundo como uma das maiores autoridades em missiologia, a ponto de ser chamado de *wisdom*, em inglês “sabedoria”, numa alusão carinhosa ao seu nome alemão.

Vicedom entrou no Seminário para Missão e Diáspora de Neuendettelsau/Baviera,

em 1922, tornando-se aluno de outro missionário, Christian Keysser, conhecido impulsor da indigenização do evangelho e de uma eclesiogênese autóctone entre os aborígenes da Nova Guiné<sup>2</sup>. Em 1929, após estudos complementares na Universidade de Hamburgo, foi enviado pela Obra Missionária de Neuendettelsau para a Nova Guiné. Na linha de Keysser, conviveu por dez anos com tribos no planalto central daquela Ilha, povos até então não alcançados pelos brancos nem por qualquer ação evangelizadora (uma obra etnológica de três volumes documenta esta experiência<sup>3</sup>), fundando aí dois postos missionários. Durante esse trabalho pioneiro, viveu separado da esposa e dos quatro filhos por quatro anos. Em 1939, viajando de licença à terra natal, foi surpreendido pela Segunda Guerra Mundial e convocado ao serviço militar.

De 1946 em diante atuou como professor no seu Seminário. Mais tarde, foi o primeiro catedrático de Missiologia na Escola Superior de Teologia da mesma localidade, além de tornar-se livre docente na Universidade de Erlangen/Baviera. Foi um período rico, em que lecionou e publicou centenas de obras teológicas, entre as quais estas duas que foram agora editadas no Brasil: *Missio Dei* (1958) e *A justificação como força conformadora da missão* (1952) (Apêndice). Nessa época, ele cooperou em inúmeros grupos de trabalho, congressos, sínodos e assembleias, tanto em nível regional e nacional quanto internacional, no âmbito da família universal evangélica luterana, bem como do Conselho Mundial de Igrejas. Assim, chegou a visitar todos os continentes, vindo ao Brasil em 1967. As impressões que colheu da então Federação Sinodal — Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, foram por ele resumidas no ensaio *Igreja velha em terra nova*<sup>4</sup>. Nessa oportunidade, acompanhado pelo pastor Norberto Schwantes, visitou também duas áreas indígenas, o Parque Nacional do Xingu e uma aldeia Xavante no Mato Grosso. Onde quer que Vicedom andasse, colhendo informações, ouvindo ou falando, discutindo ou debatendo, agia constrangido pela *missio Dei*, engajado na militância pela Igreja de todo e qualquer lugar, para que esta se tornasse autêntica na sua autocompreensão e no seu serviço.

### A importância da teologia de Vicedom

1. Vicedom adota decididamente um conceito *ecumênico* de missão. Missão não é em primeiro lugar um conjunto de ações da Igreja. Esta é uma compreensão equivocada que precisa ser superada. Missão é *missio Dei*<sup>5</sup>, ação incondicional e livre de Deus que tem por objetivo a salvação da humanidade. A *missio* de Deus se revela na vida e na obra, na morte e na ressurreição de Jesus Cristo. Cristo é o centro da missão de Deus. A Igreja é o seu povo, chamado para participar dessa *missio*. Por conseguinte, Igreja e missão não podem ser grandezas autônomas, mas se implicam mutuamente a partir da vontade amorosa de Deus.

Deus envia e é, ao mesmo tempo, o enviado. E assim como atuou em Jesus de Nazaré, hoje o faz pelo Espírito Santo, a presença atual do mesmo Jesus, que atua no mundo por meio de seu povo de testemunhas. A concepção missiológica de Vicedom é trinitária: Deus envia seu Filho, e o Filho e o Pai enviam o Espírito. Decorre daí que, na missão, a soberania de Deus é incontestável, pois ele não se deixa cercar nem pela religião nem pela descrença das pessoas. A ação de Deus nos atinge e envolve sempre de novo surpreendentemente (*extra nos*).

Esta concepção de missão é bastante crítica em relação às igrejas estabelecidas, normalmente muito envolvidas consigo mesmas em detrimento de sua razão primeira: ser o povo que testemunha o evangelho hoje e aqui, ainda que isto lhe custe caro.

2. Vicedom faz a crítica do *paradigma civilizatório* como referencial para a concepção de missão. Ele defende o caráter disfuncional e inconformista da missão diante de qualquer *status quo* (Rm 12.1-2). Não sendo assim, a conseqüência é confundir e afastar os povos do evangelho de Cristo. Por esta razão, Vicedom não concorda com o *social gospel* (evangelho social) de inspiração norte-americana. Pois, a seu ver, a liberdade que o evangelho confere necessariamente implica a transformação da vida social, econômica e política. O evangelho confronta pessoas e povos com o Cristo de Deus diante do qual se decide a salvação da humanidade. A concepção missiológica de Vicedom é, pois, eminentemente teológica.

Importa para Vicedom que todo esse processo acontece a partir da misericórdia de Deus (Rm 11.32). Esta nada mais é que a materialização da graça divina, da sua missão amorosa. Neste particular, Vicedom retoma um pensamento caro a Martim Lutero, exposto na sua interpretação do *Magnificat* (1521), onde afirma que a primeira e maior obra de Deus é a misericórdia (Lc 2.46-55). Esta caracteriza e conforma a ação da Igreja e a nossa ação como pessoas cristãs. A fé cristã é fé na compaixão de Deus e dessa fé flui o serviço que atua pelo amor (Gl 5.6). Caso contrário, desprezamos a graça e podemos perdê-la.

Tal compreensão de missão, desfazendo os nossos complexos e a nossa permanente mania de autocomiseração, coloca-nos no caminho onde a *missio* está acontecendo. Ela nos convida a entrar na liberdade dos filhos e filhas de Deus dispondo-nos ao seu serviço, com ânimo, lucidez e senso crítico. Ao mesmo tempo, aponta para uma compreensão comunitária de missão: a missão nunca é tarefa apenas de especialistas, mas de todo o povo de Deus, onde estiver, na casa, na rua, no bairro, na aldeia, na fábrica, na praça, na associação, no governo e assim por diante.

3. Vicedom é responsável por uma fundamentação *reformatória* da missão. No apêndice selecionado especialmente para este livro, a justificação tão-só pela fé é o único fundamento firme para a missão. A missão realizada pela Igreja no âmbito da *missio Dei* é uma ação de fé, impulsionada pelo Espírito Santo. Ela só pode ser assumida em atitude de profundo agradecimento pela misericórdia recebida de Deus. Assim a Igreja se torna sinal da vida plena, dádiva da graça divina.

Por isso, o paradigma da obediência não serve, como por via de regra se interpreta o famoso texto de Mateus 28.18-20. Quando nos engajamos na missão, não o fazemos atendendo a uma ordem, como se Deus fosse um general e a Igreja seu lugar-tenente. O que verdadeiramente nos conduz a participar daquela *missio* é a graça eficaz que se realiza no meio de todos os povos. Nesta perspectiva, missão é obra do Espírito Santo, que trabalha sem cessar para que a Igreja de Deus — de muitas e diferentes maneiras — anuncie a compaixão de Deus por toda a humanidade.

4. Vicedom sempre é missionário. Quer somente ganhar e reunir gente para a *missio Dei*. Prático da missão, nunca faz dela teoria, campo de pesquisa ou fonte de prestígio. Vive na selva da Nova Guiné com pessoas tão diferentes, mas igualmente tocadas e transformadas pela *missio Dei*. Aqui Vicedom experimenta o milagre da comunidade de

Jesus Cristo entre os povos, comunidade à disposição da *missio Dei*. Assim parte para conscientizar homens e mulheres, paróquias e igrejas da importância da missão. Ele as instiga a acompanhar a *missio Dei* e a se deixar envolver por ela. Vê nisso o centro e a meta de quantos crêem no Deus que se revela em Jesus Cristo. Alerta e chama para a única coisa que vale, enquanto todo o resto “não nos conforta, mas abate e é sem valor” (*Hinos do povo de Deus*, 171, 1).

Com a profundidade e o entusiasmo que apenas uma vida sob a *missio Dei* conferem, Vicedom desdobra, então, a justificação por graça e fé como único motivo e critério da missão: “a fé vive do testemunho” e “inexiste sem comunhão” (citando N. von Zinzendorf); “a missão nada mais é do que a Igreja que se movimenta” (retomando W. Löhe, fundador do Seminário em Neuendettelsau); os sacramentos fazem experimentar a *missio Dei* e viver alegremente para e na missão; a comunidade contextualizada é alavanca de Deus no mundo, mostrando a vida partilhada, antecipação da vida plena no reino de Deus; a comunidade se auto-sustenta com o dízimo dos membros, 10% do orçamento mantendo um missionário de tempo integral e colocando os outros 90% à disposição da *missio Dei* local e universal.

A *missio Dei* — embora liberte inclusive paróquias e igrejas sufocadas pelos encargos religiosos e cansadas devido ao peso do seu aparelho administrativo — causa estranheza. Vicedom o exemplifica de muitas maneiras. Mostra como cada pessoa e grupo, cada povo e sociedade, cristãos ou não, igrejas inteiras até, afirmam ter a sua visão e tarefa junto aos demais e as defendem com unhas e dentes, não raras vezes contra a *missio Dei*. Num contexto desses, a *missio Dei* só pode causar estranheza, que resulta em resistência, e esta em perseguição, dentro e fora das paróquias e igrejas. Exclusivamente em tal situação se evidencia, para Vicedom, a *missio* como sendo de fato *Dei*, já que depende, em definitivo, de Deus. A cruz revela o caráter da *missio Dei*, sinalizando a sua consumação irresistível no “novo céu e nova terra, onde habitará a justiça” (2 Pe 3.13).

A partir das nossas experiências e motivações, levantamos as seguintes perguntas diante desta teologia da missão aqui brevemente esboçada:

a) *Relação entre evangelho e culturas*: Vicedom critica fortemente concepções e práticas que amarram o evangelho a certas civilizações e culturas, etnias e nações. Assevera que, agindo assim, compreenderíamos mal o evangelho e reduziríamos o seu alcance global. O evangelho se dirige a todos os povos e os transforma. Não os elimina nem submete — isto é pacífico —, mas cria neles novas e surpreendentes expressões de sua cultura. Tal convicção de Vicedom surgiu da sua experiência na frente missionária e da rejeição bíblico-teológica tanto do *American way of life* como motivo da missão quanto dos desvirtuamentos nacionalistas do evangelho na Alemanha de Hitler e onde mais se tenha manifestado.

Será que hoje essa opção está superada? Na América Latina, sabemos que a missão cristã, desde o século XVI, se impôs a ferro e fogo, eliminando povos inteiros, descaracterizando outros e destruindo culturas milenares. Essa história bárbara, cuja abrangência nem de longe temos suficientemente claro, nos constringe a valorizar e a defender, com carinho e garra, etnias e culturas. Cremos que Deus, na sua *missio*, está presente entre elas e no que delas sobrou. Ousamos estar ao seu dispor. Tentamos seguir o evangelho que, justamente na cultura de cada povo, assume uma forma concreta e convincente. A duras

penas descobrimos que apenas na inculturação — tão particular, frágil e escandalosa — se evidencia a universalidade do evangelho. Fazemos, pois, a mesma experiência de Vicedom, só que na via contrária. Enquanto ele confessa a universalidade da *missio Dei* acima de todas as particularidades, nós confessamos a universalidade da *missio Dei* nas particularidades. Não podemos saber o que Vicedom diria em nossa situação. Mas certamente teria insistido no fato de que o evangelho é fermento transformador em toda e qualquer cultura.

b) *Conversão e juízo divino*: Para Vicedom, a missão começa com a manifestação do juízo de Deus. Só a partir do reconhecimento do nosso pecado e da aceitação do juízo acontecem a conversão e a entrada na vivência da graça. Esta questão, entretanto, necessita de cuidadosa interpretação. Pois entre nós se acusam as igrejas de manipularem a noção de pecado e de serem responsáveis pela culpabilização de consciências no intuito de manter as pessoas submissas ao seu poder e torná-las objetos mansos da sua exploração financeira. Não podemos nem queremos negar que tais práticas antievangélicas existam, quem sabe até aumentem em nosso contexto neoliberal. Nenhuma Igreja está a salvo delas. Em meio a essa versão eclesiástica da opressão geral, lembramo-nos de que a *missio Dei* vem, antes de mais nada, libertar. Ela parte bem de baixo e do mais insignificante (cf. Mt 13.31s.). Eis o juízo de Deus. Na medida em que a *missio Dei* liberta, aparecem as nossas amarras, inclusive eclesiásticas. Assim continua o juízo de Deus, pois ele “começa na casa de Deus” (1 Pe 4.17). Vicedom, o crítico incansável da Igreja estabelecida e autoconfiante, ressalta do seu jeito o seguinte: apenas penitentes podem chamar pessoas ao arrependimento. Como gente confessa e arrependida, nós aproximamos delas para conviver com elas solidariamente a partir do perdão de Deus.

c) *Diálogo inter-religioso*: Em relação às religiões, Vicedom nos choca. Importa ver, no entanto, que a sua opção em absoluto vem de uma superioridade moral ou qualquer coisa parecida. Trata-se simplesmente da manifestação da sua fé no homem de Gólgota. Ela se funda sem rodeios e meandros em trechos bíblicos que proclamam Jesus Cristo como único e universal. Ela se sente confirmada ao registrar que a *missio Dei* chama e congrega o seu povo de dentro das religiões e o envia para o meio delas. Visto assim, Vicedom nos desafia. A quantas anda a nossa fé, qual o seu centro e fundamento, o que nos é inalienável nela? Para o nosso afã no diálogo inter-religioso temos muitos e bons motivos, mas qual é o nosso objetivo último?

Pensando na visão crítica de Igreja que Vicedom revela e na soberania da *missio Dei* que esboça, será que ele se oporia a um diálogo com as religiões com a finalidade de obter a paz com justiça entre os povos, a sobrevivência da espécie humana e a conservação da criação? Sempre tão sensível aos acontecimentos do mundo, seria ele insensível aos clamores cada vez mais ensurdecedores dos pobres e postergados, às absurdidades criminosas que os fundamentalismos de qualquer matiz provocam às vésperas do século XXI? Certamente não lhes ficaria alheio. Continuará aprendiz. Encararia aquilo que as religiões oferecem em nossos dias — rejeição da filosofia de vida e cosmovisão ocidentais; exemplos de convivência pacífica entre as pessoas e com a natureza — como mais um chamado da *missio Dei* para que a Igreja dê meia-volta. Nem a Igreja nem comunidades cristãs exemplares (se um dia surgirem) salvam o nosso mundo conturbado, mas unicamente a *missio Dei*, quando e do jeito que a ele apraz. Graças a Deus!, diria Vicedom. Nós também? A nossa gratidão não nos tira dos conflitos do mundo, pelo contrário, nos joga

para dentro deles a fim de colocarmos sinais da compaixão de Deus, materializada na cruz de Jesus Cristo. Sob e com a cruz quebramos outras cruzes nas quais nós mesmos e outras pessoas e idéias colocamos homens, mulheres e crianças. Alegramo-nos que hoje podemos aprender de pessoas não-cristãs como se eliminam cruzes. Ainda assim o fazemos — oxalá o façamos — por causa do Crucificado e em seu nome. Para que não nos esqueçamos disto, lemos e releemos Vicedom.

Certamente, a leitura desta obra será um estímulo para que comunidades, lideranças, pastoras e pastores, obreiros, diáconas, enfim, o povo das comunidades se conscientize de sua vocação missionária e dê passos concretos na caminhada da *missio Dei*. Por isto mesmo, saudamos sua publicação em português como uma boa novidade, ainda que tardia!

### Notas

- 1 Cf. Karl MÜLLER, *Teologia da missão*, trad. por Henrique Perbeche, Petrópolis : Vozes, 1995, p. 66-69. Este professor de Teologia católico, que escreve em colaboração com o luterano Hans-Werner Gensichen, sustenta que os “pensamentos desenvolvidos nos cinco primeiros capítulos de *Ad Gentes* [documento do Vaticano II sobre a missão entre povos não cristãos — R.Z.] correspondem no essencial às colocações de Vicedom sobre a *Missio Dei*” (p. 68).
- 2 Cf. Roberto Hofmeister PICH, *Big Man Christian Keysser em Papua-Nova Guiné : os papuanos e a missão cristã*, *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 35, n. 2, p. 146-176, 1995.
- 3 Georg VICEDOM, *Die Mbowamb : die Kultur der Hagenbergstämme im östlichen Zentral-Neuguinea*; vol 1: *Materielle Kultur*, Hamburg, 1943-48, 264 p.; vol 2: *Gesellschaft, Religion und Weltbild*, Hamburg, 1943, 484 p.; vol 3: *Mythen und Erzählungen*, Hamburg, 1943, 196 p.
- 4 *Alte Kirche im jungen Raum*, hg. vom Martin-Luther Verein, Evang.-Luth. Diasporadienst in Bayern e.V., Neuendettelsau : Freimund, 1968.
- 5 Um dos primeiros que caracterizou a missão como atividade do próprio Deus foi Karl Barth, em 1932. No ano seguinte, Karl Hartenstein esposou convicção similar no seu livro *Missão como problema teológico*. Mas foi na 5ª Conferência Mundial de Missão em Willingen/Alemanha (1952) que este conceito ganhou foros de cidadania e reconhecimento na teologia da missão e nas mais diversas igrejas. A concepção da *missio Dei* afirma que o Pai enviou o Filho que, por sua vez, enviou o Espírito. Estes três na sua unidade indissolúvel enviam a Igreja ao mundo. A missão da Igreja é, pois, derivada da *missio Dei*. Vicedom foi quem mais aprofundou e alastrou o referido conceito (cf. David J. BOSCH, *Transforming Mission : Paradigm Shifts in Theology of Mission*, New York/Maryknoll : Orbis, 1993, p. 389-393).

Albérico Baeske e  
Roberto E. Zwetsch